

Congreso Convergencia Barcelona, mayo 2023

Presentación Individual

LIDIA MATUS (EFBA)

A VARIEDADE DAS MULHERES

Dizer-se mulher, dizer-se homem, é dizer tudo?

Em tempos em que se fala das mulheres e dos homens em termos de "discurso comum", vale a pena ampliar nosso olhar sobre as posições femininas em nossa clínica, muitas vezes diante de becos sem saída quando o discurso da época toma consistência. Mulheres femininas, masculinas, solitárias, maltratadas, desafiadoras, mulheres "trans"... o que há de inarticulável ali, quando ao tentar defini-las, acabamos multiplicando-as? O que têm em comum para se chamarem de "mulheres"? É preciso interrogar as frases teóricas repetidas como metáforas gastas, recuperar o movimento do discurso ali coagulado.

Para nos aproximarmos do enigma do feminino, partiremos do texto de Freud "O problema econômico do masoquismo", onde ele menciona os três tipos de masoquismo: erógeno, moral e feminino, considerando o terceiro como próximo do infantil, criando a conjunção feminino/masoquismo como sintagma, fechando a questão do feminino sob um peso imaginário com consequências. Lacan o questiona, definindo o masoquismo feminino como "fantasma masculino", mesmo que o sujeito seja uma mulher. Ele aponta a paradoxo de definir o feminino em relação ao infantil, ou seja, em um tempo anterior à possibilidade de escolha sexual, rompendo essa ligação e propondo do lado feminino a lógica da Privação e não do masoquismo, permitindo desbloquear becos sem saída de leituras imaginárias, acentuadas pela época, quando

se fala das "mulheres" e suas reivindicações, ou mesmo do sexo como "auto percepção".

No seminário "Ainda", Lacan propõe as fórmulas da sexuação, situando do lado do homem a lógica fálica e do lado da mulher a lógica do não-todo. O feminino não seria um complemento do masculino, mas um suplemento, pois está além, além do "todo" fálico.

Do lado feminino haveria uma dupla vertente, uma em direção ao pulsional, gozo fálico, e a outra em relação direta com aquilo que no Outro é um significante privilegiado $S(A)$, o significante da falta, que implicaria o gozo feminino ou gozo do Outro. Um gozo mudo, um silêncio que se torna sinal do feminino, além do fálico, mas não sem ele, já que não haveria um além sem um aquém.

O modo como o sujeito feminino teria relação com esse lugar além seria por procuração do lado masculino. Lacan enuncia que o homem faz o papel de relevo para que a mulher seja Outra para si mesma, assim como ela o é para ele, mas isso também pode ser um estrago. Isso nos permite pensar em várias questões clínicas, uma vez que esse relevo, quando existe, não é um ponto de chegada, mas de passagem, onde as saídas possíveis serão variadas.

É importante considerar a diferença entre pensar o feminino a partir do masoquismo ou pensá-lo em relação à lógica da privação, pois isso tem consequências clínicas. Se o homem sai do Édipo por causa da ameaça de castração, a fim de preservar "o que ele tem", isso significa então que a mulher não sai do Édipo, já que não tem nada a perder? Isso é o que eu chamava anteriormente de um beco sem saída na teoria. A lógica da privação implica que a mulher precisa encontrar uma maneira de "perder" algo para sair das garras do Outro, até mesmo para acessar esse Outro gozo. Se ela não dispõe do limite ou da borda significante, pode ser avassalador para ela ou não

diferenciá-lo do gozo do Outro. Ser "Outra para si mesma" é um lugar de passagem como uma placa giratória, não é um lugar para se manter. As saídas alternativas marcam o percurso do Édipo na mulher.

Lacan fala da duplicidade que a mulher enfrenta, entre o pai morto e o amante castrado, e a duplicidade do homem entre a mãe e a mulher degradada. A solução que Lacan propõe para a duplicidade feminina é a de descer do abraço do pai morto para a sensibilidade da capa, ou seja, para o homem vivo. Essa passagem não ocorre sem passar pela privação. Assim como para o homem a mulher é o sexo Outro, ela espera que, sendo tudo para um homem, ele seja tudo para ela. No momento em que descobre que isso era apenas seu próprio fantasma, ela cai do lugar de ser a mulher que falta ao seu homem para o lugar de resto. Nesse momento lógico, ela precisa recuperar o ser, "não valho pelo que tenho, mas pelo que sou". Mas, se ela não está sob a ameaça de castração, como perder o que não tem para tornar seu ser presente? Destruindo, como Medeia, o mais valioso. Nesse momento, diz Lacan, as mais razoáveis podem ser as mais irracionais, pois a razão está a serviço do gozo.

Chamo esse momento de "placa giratória", porque as saídas que se apresentam levam a diferentes "soluções" que podem ser de saída, estagnação ou regressivas.

Eu chamo de "estagnação" a solução do sujeito histórico que coloca "a outra" no lugar do Outro e se identifica como homem. Por exemplo, a mulher estragada pelo homem como uma tentativa fracassada de escapar do estrago materno, ou a mulher fálica que está completamente imersa na satisfação fálica e é suficiente para si mesma.

Soluções regressivas, como a ternura assexuada de alguns casais.

Um caminho que poderíamos chamar de "saída" seguiria pela via em que o parceiro pudesse responder ao chamado feminino, aproximando-a das vias do dizer,

"equivocando" com suas respostas a certeza do pedido: "seja meu Outro como eu sou para você". Aproximar-se das vias do dizer implicaria oferecer uma borda significativa para esse vértice de se encontrar com o Outro gozo, implicaria dizer "não há Outro do Outro". Mas é preciso que isso seja enunciado por um "outro", que passe pelas vias da enunciação.

Pequenos exemplos

Pilar chega confusa à sessão. Seu namorado acabou de deixá-la, ela não entende o que aconteceu, mas as palavras que ele disse ressoam em sua mente: "você tem que se separar de seus pais, ser mais independente, eu não posso estar o tempo todo, tivemos bons momentos, mas agora tenho que cuidar das minhas coisas". Pilar vai morar na casa dos pais para "economizar", mas as palavras do ex ressoam nela e ela procura um lugar para morar sozinha. Enquanto isso, ela se reencontra com seu amante estável que "não pode se comprometer com nada porque seu pai foi um desastre e ele não serve para sustentar ninguém". Pilar o deixa e se sente aliviada. Ela está cansada da passividade de um amante com quem agora se sente no papel de provedora e não de mulher.

Ana está viajando em um fim de semana com seu "parcial", depois de insistir muito para que ele ceda ao seu pedido. Durante a estadia, Marcos passa de ler o jornal para olhar o horizonte ou responde ironicamente aos comentários dela. Finalmente, Ana fica em silêncio, enfurecida com o desrespeito. Ao retornarem, eles compram chocolates e ela, "por sua própria dignidade", também compra um para ele. Quando ela entrega, Marcos diz: "não aceito". Já à beira da raiva, Ana pergunta: "por quê?", Marcos responde: "se você não me der um beijo, não quero o chocolate".

Os dois exemplos, embora diferentes, mostram o valor do "ato" na resposta do

parceiro.

Pilar não consegue se apropriar das palavras do seu ex, mas elas "ressoam" e a marcam.

Ana encara com humor o limite com o qual Marcos a reintegra na cena amorosa.

O amor que "faz falta", sempre é de dois. Filho do Acaso e da Necessidade, o Amor não é nem Deus nem humano, mas sim um verdadeiro "demônio".